

DESEMPENHO GEOECONÔMICO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO E CATARINENSE PÓS-2003*

GEOECONOMIC PERFORMANCE OF BRAZILIAN AND CATARINENSE AGRIBUSINESS POST-2003

Carlos José Espíndola **
Roberto César Costa Cunha***

Resumo: Os agronegócios brasileiros e catarinenses desempenham importante papel na economia brasileira e mundial. O PIB do agronegócio brasileiro a preços correntes cresceu de R\$ 523,6 bilhões, em 2003, para R\$ 1,9 trilhão de reais, em 2020. Em termos de Valor Bruto da Produção (VBP), enquanto as lavouras geraram em 2021, R\$ 688,3 bilhões, a pecuária gerou R\$ 314,4 bilhões. Nas exportações, que passaram de US\$ 21 bilhões, em 2000, para US\$ 96,8 bilhões em 2019, o que corresponde a 43,2% do total exportado e resultou em um saldo de R\$ 83 bilhões. O estado de Santa Catarina, com 183 mil estabelecimentos agropecuários e 502 mil pessoas ocupadas, apresentou em 2021, um VBP agropecuária uma receita de R\$ 42,6 bilhões, sendo 33,3% referentes às lavouras e 66,3% referente à pecuária. Entre 2003-2020, o VBP da agropecuária catarinense apresentou um crescimento da ordem de 2,7 vezes. As exportações do agronegócio catarinense representaram em 2020, 5,7% das exportações do agronegócio brasileiro e 68,3% das exportações totais catarinense. De um total de US\$ 10,3 bilhões, gerado pelo estado em 2020, o agronegócio contribuiu com US\$ 1,59 bilhões com a exportação de carne de frango, US\$ 1,32 bilhões de carnes de suínos e US\$ 669,9 milhões, com a soja. Este texto objetiva apresentar o desempenho geoeconômico dos agronegócios brasileiros e catarinenses no período pós 2003. Na elaboração do texto, optou-se pela abordagem exploratória via levantamento bibliográfico, documental e estatísticos relativo à temática exposta. Fruto do processo de modernização da agropecuária iniciada nos anos 1960, os diferentes agronegócios passaram por profundas transformações técnico-econômicas que se manifestaram ainda nos anos de 1990 e pós 2003. O desempenho favorável dos indicadores econômicos contrastou com o declínio da área de pastagens e da área plantada das lavouras temporárias e permanentes. O crescimento da produção das lavouras e da pecuária catarinenses explica-se igualmente pelo aumento da produtividade e a crescente inserção no mercado internacional.

Palavras-chave: Geoeconomia brasileira; Agronegócios; Economia de Santa Catarina.

Abstract: Brazilian and Santa Catarina agribusinesses play an important role in the Brazilian and world economy. The Brazilian agribusiness GDP at current prices grew from BRL 523.6 billion in 2003 to BRL 1.9 trillion in 2020. In terms of Gross Production Value (GVP), while crops generated in 2021, R\$ 688.3 billion, livestock generated R\$ 314.4 billion. In exports, which rose from US\$ 21 billion in 2000 to US\$ 96.8 billion in 2019, which corresponds to 43.2% of total exports and resulted in a balance of R\$ 83 billion. The state of Santa Catarina, with 183,000 agricultural establishments and 502,000 employed persons, presented in 2021, an agricultural VBP with a revenue of R\$ 42.6 billion, with 33.3% referring to crops and 66.3% referring to livestock. . Between 2003-2020, the GVP of agriculture in Santa Catarina grew by 2.7 times. In 2020, Santa Catarina agribusiness exports represented 5.7% of Brazilian agribusiness exports and 68.3% of total Santa Catarina exports. Of a total of US\$ 10.3 billion generated by the state in 2020, agribusiness contributed US\$ 1.59 billion with the export of chicken meat, US\$ 1.32 billion of pork meat and US\$ 669, 9 million, with soy. This text aims to present the geoeconomic performance of Brazilian and Santa Catarina agribusinesses in the period after 2003. In preparing the text, an exploratory approach was chosen via a bibliographic, documentary and statistical survey related to the exposed

*Submissão: 18/07/2022 | Aprovação: 09/01/2023 | Publicação: 24/02/2024 | DOI: [10.54805/RCE.2527-1180.v7i1.1115](https://doi.org/10.54805/RCE.2527-1180.v7i1.1115)

**Universidade Federal de Santa Catarina | E-mail: carlos.espindola@ufsc.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5857-6067>

***Universidade Federal de Santa Catarina | E-mail: robertoujsma@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6190-6186>

theme. As a result of the agricultural modernization process that began in the 1960s, the different agribusinesses underwent profound technical-economic transformations that were still manifested in the 1990s and after 2003. The favorable performance of economic indicators contrasted with the decline of the area of pastures and planted area of temporary and permanent crops. The growth in crop and livestock production in Santa Catarina is also explained by the increase in productivity and the growing insertion in the international market.

Keywords: Brazilian geoeconomy; Agribusiness; Economy of Santa Catarina.

Classificação JEL: R1 (General)

1 Introdução

A economia brasileira e de Santa Catarina tem nos agronegócios um dos principais setores geradores de renda e emprego¹. Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro alcançou a soma de R\$ 7,4 trilhões, os agronegócios somaram um total de R\$ 1,9 trilhão, o que representa 26,6% de participação no PIB total (IBGE, 2021e). Sob a ótica da produção, o Valor Bruto da Produção (VBP) gerado em 2020 teve um crescimento de 17% em relação a 2019, atingindo R\$ 896,5 bilhões, sendo R\$ 597,3 bilhões referentes às lavouras, e R\$ 299,2 bilhões, à pecuária (BRASIL, 2021a)². O desempenho dos agronegócios brasileiro manifestou-se ainda nas exportações, que passaram de US\$ 21 bilhões, em 2000, para US\$ 96,8 bilhões em 2019, o que corresponde a 43,2% do total exportado e resultou em um saldo de R\$ 83 bilhões. No acumulado dos últimos vinte anos (de 2000 a 2019), o saldo comercial do agronegócio brasileiro apresentou um crescimento de 442% (BRASIL, 2021b).

O estado de Santa Catarina, com uma população de sete milhões de habitantes, 183 mil estabelecimentos agropecuários e 502 mil pessoas ocupadas ((EPAGRI/CEPA, 2021), tem nos seus diferentes agronegócios um dos principais segmentos geradores de renda e emprego. Em 2021, o Valor Bruto da Agropecuária (VBP) foi da ordem de R\$ 42,6 bilhões, sendo 33,3% referente às lavouras temporárias e permanentes e 66,6% oriundo da pecuária. Entre 2003-2020, o VBP da agropecuária catarinense passou de R\$ 11,7 bilhões para R\$ 42,6 bilhões, o que representa um crescimento da ordem de 2,7 vezes. Nas exportações, de um total de US\$ 10,3 bilhões, gerado pelo estado, o agronegócio contribuiu com US\$ 1,59 bilhões com a exportação US\$, 1,32 carnes de suínos e US\$ 669,9 milhões, com a soja.

Os diferentes agronegócios catarinenses foram fruto do processo de ocupação do território catarinense, a partir do século XVII, que resultou na constituição de duas grandes estruturas agrárias. Uma localizada no Planalto e caracterizada pela pecuária extensiva, e a outra situada nos vales atlânticos e do interior, assentada na produção diversificada de milhares de pequenos produtores mercantis³. Essas estruturas passaram por profundas transformações, sobretudo, a partir de 1960 quando, com o apoio estatal, implantou-se um novo padrão para a agropecuária catarinense, que se manifestou em novas atividades,

1 Diferentemente de uma vasta bibliografia que associa agronegócio à produção de commodities e ao tamanho da área, o agronegócio é aqui entendido como um conjunto de atividades que envolve a fabricação de insumos, a produção primária, a agroindustrialização e o consumo final (ESPÍNDOLA; CUNHA, 2015; 2020; 2021). Especificamente, essas atividades dividem-se em: "(i) pré-porteira – agroindústrias de bens de capital da agricultura, que respondem pelo fornecimento dos insumos e equipamentos, agroindústria de fertilizantes, defensivos, sementes, agroindústria de tratores e colheitadeiras, agroindústria de alimentação animal, agroindústria de equipamentos de irrigação e armazenamento; (ii) dentro da porteira – agropecuária, que representa o processo biológico de produção, majoritariamente realizado no campo, lavouras permanentes, lavouras temporárias, extrativismo vegetal e animal, criações aquícolas, a pasto e em confinamento; e (iii) pós-porteira – agroindústrias de processamento (beneficiamento de pluma e outras fibras, fiação e tecelagem, vestuário e outros têxteis finais, sucos e produtos similares, bebidas e refrigerantes, café e outros matinais, leite e laticínios, papel, celulose e outros materiais gráficos, móveis), agrosserviços da preparação e logística (packing-houses, estruturas de seleção e empacotamento, agrosserviços de armazenamento, agrosserviços de transporte), agrosserviços transacionais (corretoras especializadas em produtos, lobistas e grupos de pressão, corretoras das bolsas de mercadorias) e de distribuição (atacadistas, varejistas, empresas exportadoras)" (GONÇALVES, 2005, p. 34-36). Cabe lembrar que tanto Kautsky (1980) como Lênin (1982), no final do século XIX, haviam revelado o processo de interação entre a indústria e a agricultura para o desenvolvimento do capitalismo no campo na Alemanha e Rússia, respectivamente. Didaticamente, o agronegócio é apenas um marco conceitual para delimitar o sistema integrado de produção, comercialização, distribuição e consumo de uma mercadoria (JANK, 2005).

2 Conforme Cunha; Espíndola (2020, p. 77), o VBP é uma expressão monetária da soma de todos os bens e serviços produzidos em determinado território em um dado período de tempo. Mesmo ciente de que esse agregado macroeconômico pode trazer distorções em razão da dupla contagem, o VBP agropecuário representa uma estimativa da geração de renda do meio rural, mostra a evolução do desempenho das lavouras e da pecuária ao longo do ano e corresponde ao faturamento bruto do estabelecimento. A estimativa do VBP é elaborada pela Coordenação-Geral de Estudos e Análises (CGEA), do Departamento de Crédito e Estudos Econômicos (DCEE), da Secretaria de Política Agrícola (SPA), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (BRASIL, 2018). No entanto, Faria (1983, p. 109-110) assinala que esse agregado macroeconômico pode trazer distorções, como a dupla contagem, por exemplo. Diante disso, elaborou-se o "conceito de Valor Adicionado Bruto (VAB), que é utilizado como medida da riqueza social gerada em uma região ou país em determinado período. A definição do VAB é dada pela diferença entre o VBP e o consumo intermediário (CI). Isto é, o valor de todas as mercadorias que entram na produção de outras mercadorias é descontado do valor total das mercadorias produzidas".

3 Nas áreas de campos, como por exemplo, nos da região de Lages/SC, foram instaladas, desde o século XVIII, grandes estâncias de gado, que passaram a incorporar os indígenas sobreviventes como peões, "numa associação de relações feudais de propriedade e de trabalho", conforme demonstrou Mamigonian (1999, p. 68). Contudo, nas áreas de mata e vegetação campestre, foi desenvolvendo-se uma agricultura, explorada por arrendatários e agregados que dedicavam parte do seu tempo no plantio do trigo, milho, entre outros produtos, como bem demonstrou Peluso Jr (1991), em sua análise sobre a fazenda do Cedro. Nos vales atlânticos e nos do interior, os milhares de pequenos produtores milho, trigo, alfafa, feijão, mandioca, batata; criavam porcos, galinhas, gado; e desenvolviam a colheita da erva-mate e a extração da madeira.

tanto a montante como a jusante do seu processo produtivo (MARCONDES, 2016)⁴.

Diante da importância geoeconômica do agronegócio brasileiro e catarinense, este texto objetiva apresentar desempenho geoeconômico do agronegócio brasileiro e catarinense, pós 2003. Justifica-se a escolha do período em virtude de a economia brasileira ter vivido, entre 2003-2019, dois momentos distintos. Enquanto entre 2003-2011 o crescimento do PIB foi em média de 3,9%, entre 2011-2019, caminhou para uma queda, resultando em taxa média de crescimento de 0,5%. Em termos per capita, entre 2003-2010, o PIB cresceu duas vezes, passando de R\$ 9,5 mil para R\$ 19,9 mil. Já, entre 2010-2017, cresceu uma vez e meia (CUNHA, 2020; ESPÍNDOLA; CUNHA, 2021).

Em função da diversidade dos setores no interior dos agronegócios procurou-se enfatizar o desempenho das atividades dentro das fazendas, com destaque para as lavouras (temporárias e permanentes) e a pecuária. Para análise do desempenho geoeconômico do agronegócio brasileiro, sobretudo, do segmento agropecuário, utilizou-se como indicador o PIB do agronegócio⁵.

Optou-se pela abordagem exploratória via levantamento bibliográfico e documental (GIL, 1994). Foram feitas análises de diferentes artigos, livros e teses, visando avaliar e situar a bibliografia relativa à temática exposta. O levantamento de dados estatísticos foi realizado nos relatórios da Produção Agrícola Municipal (PAM) e no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), ofertados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Buscaram-se ainda informações na síntese anual da agricultura catarinense, publicada pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI/CEPA) e nos relatórios do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Além desta introdução e das considerações finais, o texto divide-se em dois itens. O primeiro destaca o desempenho geoeconômico do agronegócio brasileiro pós 2003: o segmento agropecuário. A análise vem acompanhada ainda desempenho das exportações do agronegócio brasileiro pós-2003. O segundo ponto refere-se ao desempenho geoeconômico do agronegócio catarinense, seguido desempenho das exportações do agronegócio catarinense pós-2003.

2 DESEMPENHO GEOECONÔMICO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO PÓS 2003: O SEGMENTO AGROPECUÁRIO

A economia brasileira, entre 2003-2020, apresentou dois períodos distintos em termos de política econômica, que se manifestou nas taxas anuais de crescimento anual do PIB. Enquanto o primeiro período, entre 2003-2011, apresentou um crescimento anual do PIB de 1,1% para 3,9%, no período entre 2011-2020, a taxa de crescimento anual do PIB foi de 3,9% para (-) 4,1% (IBGE, 2021e).

O primeiro período, 2003-2011, foi sustentado por inovações institucionais que resultaram em uma onda de investimentos assentados em três frentes: infraestrutura; recursos naturais; e consumo de massa. Contribuíram ainda para o ciclo expansivo a liquidez financeira mundial, os investimentos externos diretos (IED) e a elevada demanda mundial de commodities (BIELSCHOWSKY, 2013). O segundo período, pós-2011, foi marcado por três direcionamentos na política econômica. Um entre 2011-2014, onde a política econômica foi assentada na chamada “Nova Matriz Econômica” (NME)⁶; outro pós 2014 com a implantação de políticas contracionistas, via elevação da taxa de juros e redução do crédito ao consumidor, políticas de desonerações fiscais e cortes de gastos públicos, entre outras (LACERDA, 2017). Por fim, 2016 em diante com a implantação de uma política econômica ortodoxa-liberal, denominada de “tatcherismo tupuniqum”. Trata-se de uma agenda baseada em

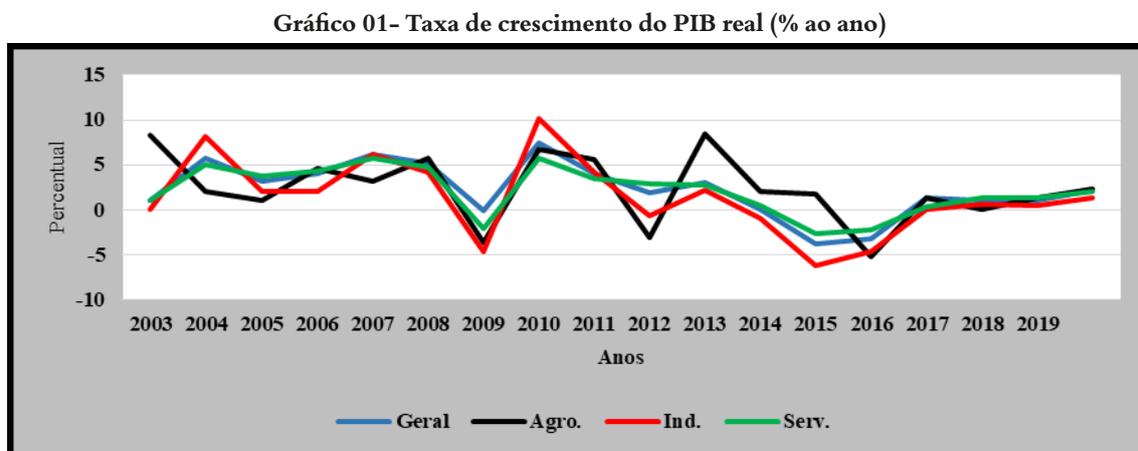
4 Essas transformações foram acentuadas a partir de 1990, com o surgimento de novos mecanismos de financiamento e de crédito aos agronegócios (Certificado de Mercadoria com Emissão de Garantia, a Cédula do Produto Rural, o Certificado de Depósito Agropecuário, o Warrant Agropecuário, o Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio, a Letra de Comércio Agrícola e o Certificado de Recebíveis do Agronegócio e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar). Em termos gerais, ocorreu: (1) a redução da população rural que em 1960 representava 69% (1,4 milhões de pessoas) para 40,6% (1,4 milhões) em 1980 e 16% (1 milhão de pessoas) em 2010; (2) o aumento da safra de grãos que subiu de 923 mil toneladas em 1960 para 3,3 milhões de toneladas em 1980; (3) o aumento da área plantada de diversas culturas como alho, arroz, banana, batata, feijão, fumo, soja e milho e redução da área plantada com trigo; (4) implantação e o aumento da produção e da área plantada de novas culturas (maçã, uva), bem como a introdução do reflorestamento; (5) elevado crescimento da produtividade de algumas culturas como o arroz, a soja, o fumo, o milho e a redução da produtividade da cultura de feijão; (6) aumento considerável da composição orgânica do capital. Somente em Santa Catarina, no período 1960-80, o valor real das máquinas agrícolas aumentou 2.248%, sendo que, no caso dos tratores, essa cifra foi de 2.893%; o valor real dos investimentos realizados sofreu um incremento de 574%, enquanto o aumento das despesas de custeio para a produção foi de 1.530% (Ceag/SC, 1978, p. 15-16); (7) a constituição de uma geração de produtores que passaram a se orientar por uma racionalidade técnica completamente diferente do passado. São agricultores motivados pelo lucro decorrente dos ganhos de produtividade do capital. São agricultores que não mediram esforços na modernização de suas atividades e caracterizam-se pela lógica ampliada do capital (D-M-D') e, (8) a integração da pequena, média e grande propriedade ao cultivo de produtos em escalas (grãos, fumo e carnes) e em qualidade (frutas, olerícolas, entre outros). Conforme Marcondes (2016, p. 15) o processo de modernização da agricultura catarinense estava inserido no conjunto das transformações implementadas para o setor agropecuário pelo governo brasileiro.

5 Realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB é um indicador que auxilia na análise macroeconômica. “O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro é calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O PIB é a soma de todas as riquezas produzidas em um dado período de tempo, podendo ser calculado pela óptica da renda ou do volume. Enquanto o PIB-renda representa “a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional”, o PIB-volume resulta apenas do volume da produção (CEPEA, 2021, p. 03).

6 A “nova matriz” foi uma tentativa do governo “da retomada do crescimento econômico através de uma combinação de desonerações tributárias, depreciação da taxa nominal de câmbio e redução da taxa básica de juros (OREIRO; PAULA, 2021, p. 37-8).

reforma trabalhista, reforma da previdência, entre outras (OREIRO; PAULA, 2019)⁷.

O Gráfico 1 demonstra que o PIB despencou de 3,9%, em 2011, para 1,9%, em 2012, chegando a 1,1%, em 2019, apresentando, em 2015, uma taxa de crescimento negativo de 3,8%, seguido de 2016 com -3,3%. Apenas em 2013, verifica-se o crescimento do PIB com uma taxa de 3,0%. Chama a atenção no Gráfico 1 a acentuada queda do PIB da indústria, apresentando, em 2015, um resultado negativo de 6,2% e 4,6%, em 2016.



Diante desse quadro, qual foi o comportamento do agronegócio brasileiro nesses dois períodos? Conforme a tabela 1, o PIB do agronegócio brasileiro a preços correntes cresceu de R\$ 523,6 bilhões, em 2003, para R\$ 1,978 trilhão, em 2020, um crescimento de 3,7 vezes. No primeiro período, 2003-2011, o PIB cresceu 1,7 vez, contra 2,14 vezes entre 2012 e 2020, quando passou de R\$ 921,4 bilhões para R\$ 1,9 trilhão⁸.

Tabela 1 — PIB do agronegócio em valores correntes (milhões de reais) — 2003-2020

Ano	Insumos	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agronegócio (total)	Ramo agrícola	Ramo pecuário
2003	20.718	100.307	155.052	247.530	523.607	417.934	105.673
2004	25.033	98.955	163.218	249.230	536.436	422.933	113.503
2005	21.026	86.080	170.952	251.084	529.142	414.193	114.949
2006	19.565	103.365	177.115	261.667	561.712	459.734	101.979
2007	24.820	117.194	186.863	287.707	616.584	473.399	143.186
2008	33.767	140.093	204.099	324.839	702.798	516.916	185.882
2009	29.627	127.245	217.012	338.526	712.410	527.838	184.572
2010	32.548	167.949	242.402	390.642	833.541	615.264	218.277
2011	38.026	208.986	250.333	410.746	908.092	688.775	219.317
2012	42.250	200.840	260.784	417.599	921.473	712.137	209.336
2013	47.051	224.494	278.763	454.104	1.004.411	735.165	269.247
2014	49.264	240.629	297.384	491.675	1.078.952	755.060	323.892
2015	51.834	259.899	331.444	563.872	1.207.049	836.475	370.574
2016	56.779	315.692	373.473	651.967	1.397.912	994.916	402.995
2017	55.182	301.213	372.204	638.115	1.366.714	970.908	395.806
2018	64.859	301.743	389.977	651.651	1.408.231	1.043.367	364.864
Ano	Insumos	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agronegócio (total)	Ramo agrícola	Ramo pecuário
2019	71.586	315.968	419.952	711.431	1.518.936	1.057.550	461.386
2020	80.210	518.534	478.500	901.650	1.978.894	1.376.596	602.298

Fonte: Cepea (2021). Elaboração: autores.

Ainda com base na tabela 1, verifica-se o ramo agrícola representando um valor em 2020 em torno de R\$ 1,376 trilhão, contra R\$ 602,2 bilhões do ramo pecuário. Nos segmentos do agronegócio, enquanto a agropecuária cresceu 5,1 vezes, os

insumos cresceram 3,8 vezes, contra 3,6 vezes dos agrosserviços e três vezes da agroindústria, que passou de R\$ 155 bilhões, em 2003, para R\$ 478,5 bilhões em 2020.

Os anos de 2004 e 2005 apresentaram uma queda do PIB do agronegócio total brasileiro, de 5,7%, em 2004, e 3,2%, em 2005. Nesse período, com base na tabela 1, constata-se uma queda do valor gerado, entre 2004 e 2005, de R\$ 536,4 bilhões para R\$ 529,1 bilhões. A queda manifestou-se no VBP total, que recuou de R\$ 394,4 bilhões para R\$ 360,32 bilhões entre 2004 e 2005, sobretudo no valor produzido pelas lavouras de milho e soja, que tiveram uma perda de 24,4% e 28,5%⁹.

A tabela 1 indica ainda que, entre 2008 e 2009, os agronegócios tiveram um crescimento, passando de R\$ 702,7 bilhões para R\$ 712,4 bilhões, com destaque para o crescimento da indústria, em torno de 6,3%, e dos serviços, em 4,2%, em relação a 2008. Entretanto, a agropecuária teve uma queda de 10%. O VBP da produção das lavouras caiu de R\$ 304 bilhões para R\$ 288,7 bilhões. A crise financeira internacional de 2008 e os problemas climáticos (seja por excesso de chuvas, seja pela seca) influenciaram na queda da produtividade, na produção, na área plantada, na rentabilidade das agroindústrias e na renda agrícola na safra 2008-2009¹⁰.

Entre 2010 e 2016, o PIB total do agronegócio, conforme a tabela 1, teve um crescimento de 63,97%, puxado pelo aumento das exportações somado à evolução dos preços das *commodities*. Destaca-se nesse período a taxa de crescimento de 87,9% do segmento agropecuário, seguido do de insumos, com um aumento de 74,4%. O VBP total gerado pela agropecuária cresceu 34,2%, passando de R\$ 466,3 bilhões para R\$ 625,7 bilhões. Enquanto o VBP das lavouras aumentou 36,92%, o VBP da soja cresceu 72,96%, no período 2010-2016¹¹.

Cabe destacar que, no segundo trimestre de 2014, tem início a mais “profunda e duradoura” recessão brasileira. Entre o segundo trimestre de 2014 e o terceiro trimestre de 2016, o PIB brasileiro apresentou uma queda de 8,33% (OREIRO; PAULA, 2021). A queda do ritmo da economia foi resultado da expressiva queda da formação bruta de capital fixo (FBCF), somada a fatores amplificadores, como o realinhamento de preços relativos, por exemplo (OREIRO; PAULA, 2021).

Apesar da grande recessão dos anos de 2015 e 2016, os dados da tabela 1 demonstram que o PIB do agronegócio aumentou de R\$ 1,207 trilhão, em 2015, para R\$ 1,397 trilhão, em 2016, perfazendo um crescimento de 8,3%, puxado sobretudo pela expansão do ramo agrícola, que teve um aumento de 18,9% contra 8,7% do ramo pecuário. Enquanto o VBP da produção das lavouras mostrou um crescimento de 1,2%, o VBP da produção agropecuária reduziu-se, em razão da queda do valor gerado na pecuária. O resultado positivo veio do aumento registrado nos preços reais médios da agricultura, de 15,87% (CNA, 2017).

Ainda conforme a tabela 1, o PIB do agronegócio reduziu-se de R\$ 1.397 trilhão, em 2016, para R\$ 1.366,7 trilhão, em 2017. A queda foi puxada pelo ramo agrícola, que apresentou uma redução de 7,29%, em 2017, em relação a 2016. Contudo, no mesmo período, VPB total cresceu de R\$ 625,7 bilhões para R\$ 638,1 bilhões, com destaque para a cadeia produtiva de soja, que apresentou um crescimento de 2%, passando de R\$ 136,3 bilhões para R\$ 139,1 bilhões no período¹². Por fim, entre 2017-2020, o PIB dos agronegócios teve um crescimento de 44,78%, com destaque para o desenvolvimento da agropecuária com crescimento da ordem de 72,1%, seguido do segmento de insumos, com 45,5%, e serviços, com 41,29%. O VBP da produção agropecuária passou de R\$ 638,1 bilhões para R\$ 689,9 bilhões de reais, perfazendo um crescimento de 8,1%. Nesse período, o VBP das lavouras cresceu 5,96%, com destaque para soja que aumentou 14,45%, passando de R\$ 139,1 bilhões para R\$ 159,2 bilhões de reais (CONAB, 2021). Destaca-se no ano de 2019 o crescimento da pecuária em decorrência da alta significativa dos preços associada à demanda aquecida por carne no mercado externo em decorrência da Peste Suína Africana (PSA), e o aumento da produção.

Em 2020, quando o PIB da economia brasileira se retraiu 4,1% em comparação a 2019, o PIB do agronegócio cresceu 30,27%, em plena pandemia de covid-19¹³. Enquanto o ramo agrícola ascendeu 30,16%, o ramo pecuário cresceu 30,54%. O PIB-renda teve alta para todos os segmentos. As variações no ano foram de 6,91% para os insumos, 56,59% para a agropecuária, 8,72% para a indústria e 20,93% para os agrosserviços.

9 A produção nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas passou de 119,4 milhões de toneladas, em 2004, para 112,6 milhões de toneladas, em 2005, apresentando queda de 5,2%. A produtividade média dos grãos caiu 5,9%, em 2005. Fatores como estoques mundiais elevados de soja e milho, perda de safra (estiagem no Sul), dificuldade de crédito e câmbio apreciado contribuíram para a queda dos agronegócios (BRANDÃO; REZENDE; MARQUES, 2005; EPAGRI/CEPA, 2006). Ressalte-se ainda que, em 2004, após cinco anos de desvalorização cambial, o real passou a se apreciar até 2008 (BRESSER-PEREIRA, 2012).

10 A crise financeira internacional teve início em meados de 2007, com a insolvência generalizada no sistema de hipotecas imobiliárias nos Estados Unidos (GONÇALVES, 2008). Cano; Silva (2010, p. 197) esclarecem que “a crise internacional, além dos efeitos negativos sobre as decisões de investimentos, derrubou as exportações brasileiras, com implicações diretas sobre o nível de atividade econômica”. As agroindústrias brasileiras, em 2009, recuaram 4,9% em volume produzido. Enquanto a pecuária recuou 1,1%, o segmento de máquinas e equipamentos agrícolas recuou 28,7%. Em contrapartida, os adubos e fertilizantes recuaram 2,1% e os defensivos agrícolas, 15,7% (CUNHA, 2020; ESPÍNDOLA; CUNHA, 2021).

11 Entretanto, cabe destacar que a agroindústria não tem acompanhado o crescimento da agropecuária em virtude das dificuldades em exportar produtos com maior valor agregado, do forte protecionismo e diante das tendências de valorização cambial (BARROS; CASTRO, 2017).

12 Em março de 2017, teve início a operação Carne Fraca, que resultou em prejuízo de US\$ 2,74 bilhões (BERNARDES, 2018). Somente o VBP da pecuária, entre 2016 e 2018, reduziu-se de R\$ 214,9 bilhões para R\$ 205,2 bilhões.

13 Em março de 2020, foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a pandemia mundial, provocada pelo Coronavírus. Barros; Castro (2021, p. 1) esclarecem que a “pandemia de covid-19 ditou o comportamento da sociedade global como um todo. A economia mundial, quase sem exceção, evidentemente, teve sua evolução fortemente determinada por esse ataque arrasador ora vindo do lado da oferta, ora da demanda, ora dos dois lados”.

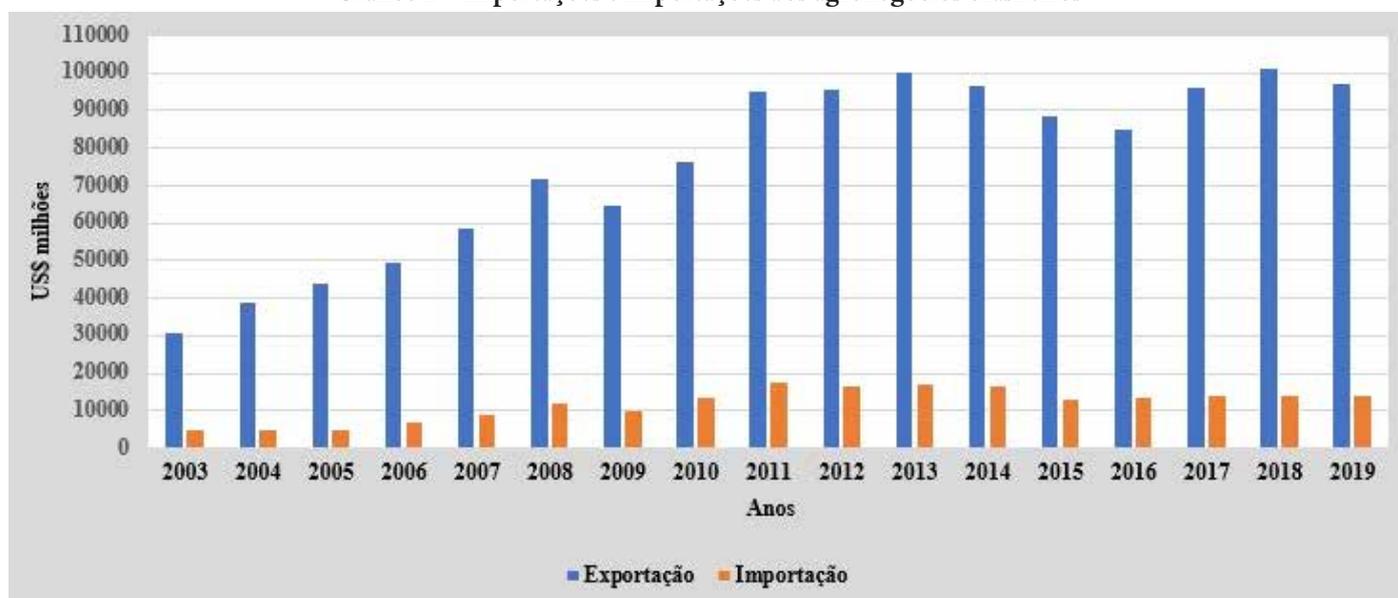
O desempenho do PIB do agronegócio foi fruto da elevação dos preços e maior produção anual¹⁴. Segundo Schneider *et al.* (2020), outros fatores também contribuíram para o crescimento dos agronegócios em plena pandemia. Em primeiro lugar, destaca-se o câmbio. A desvalorização da moeda brasileira tornou-se atraente e potencializou as exportações. Em segundo lugar, ressalta-se a “Guerra Fria 2.0”, entre EUA e China (SCHNEIDER *et al.*, 2020). Em terceiro, os autores destacam a peste suína africana (PSA), que atingiu a China em 2019, contribuindo para o aumento das exportações brasileiras de proteína animal.

Em termos gerais, verificaram-se movimentos diferenciados entre o PIB geral brasileiro e o PIB dos agronegócios. Em alguns momentos, o PIB do agronegócio acompanhava o movimento do PIB brasileiro. Entretanto, em outros anos o PIB do agronegócio apresentava desempenho contrário às taxas de crescimento do PIB total. Esses movimentos desiguais estão associados à elevação dos preços de alguns produtos, à expansão da área plantada, ao aumento da produtividade, a ganhos de escala e ao câmbio, entre outros fatores.

2.1 DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO PÓS-2003

As exportações dos agronegócios cresceram de US\$ 30,6 bilhões, em 2003, para US\$ 96,8 bilhões, em 2019. Uma taxa de crescimento de 316% contra uma taxa de crescimento de 291% das importações, que passou de US\$ 4,7 bilhões para US\$ 13,7 bilhões, conforme demonstra o Gráfico 2. No que se refere à balança comercial do agronegócio, o aumento foi de 320,8%. Constata-se ainda no mesmo gráfico que, entre 2003-2008, houve um crescimento no valor das exportações, alcançando o valor de US\$ 71,7 bilhões, um acréscimo de 22,9 % em relação a 2007 (BRASIL, 2021b). A queda pós-2008, em relação a 2009 é fruto da crise de subprime (MATOS; NINAUT; SALVI, 2009; MARANHÃO, VIEIRA FILHO, 2017)¹⁵.

Gráfico 2 – Exportações e importações dos agronegócios brasileiros



Fonte: BRASIL (2021b)

Ainda, o Gráfico 2 indica que a partir de 2013, nota-se novamente um período de queda das exportações, o que representou uma redução de 15,1% em 2016, em relação a 2013. Assim, o agronegócio brasileiro encerrou 2016, com menores embarques em relação a 2015, refletindo a valorização do Real frente ao dólar e a queda na produção agrícola nacional, principalmente de grãos, decorrente do clima adverso, como chuvas excessivas e estiagem prolongada. Os cálculos do Cepea mostram que o volume exportado pelo agronegócio brasileiro caiu 2,6%, e os preços em dólares recebidos pelos exportadores do setor retraíram-se em 1,8%. Com isso, o faturamento em dólar do setor recuou 3,6%, fechando em US\$ 86 bilhões (CEPEA, 2016, p 02)¹⁶.

A recuperação pós-2017 deriva do aumento dos preços médios em dólar dos principais produtos exportados pelo agronegócio em relação ao ano de 2016. Contudo, a valorização do Real, em 2017, promoveu a queda dos preços internalizados em reais para milho, farelo de soja, soja em grão, carne bovina, café, óleo de soja, carnes de frango, entre outros (CEPEA, 2017).

Em 2018, as exportações dos agronegócios apresentaram um novo recorde em volume e receita. A excelente safra, combinada com a desvalorização do real, que resultou a taxa de câmbio efetiva em alta de 7,5% em 2018 e os preços externos estáveis impulsionou os produtos do agronegócio. O valor total exportado foi de US\$ 101,1 bilhões. Já em 2019, embora o volume exportado tenha crescido em 2019, as exportações decaíram 2%. Enquanto, o volume das exportações brasileiras do

14 Conforme a CNA (2021, p. 2), alguns pontos precisam ser esclarecidos. Primeiramente, a elevação é, em parte, uma recuperação em virtude da queda da renda real em 2017 e 2019 do segmento agrícola. Em segundo lugar, no setor de grãos, com a venda antecipada, a maior parte dos produtores não se teriam beneficiado da alta dos preços em razão de o aumento ter ocorrido quando a maior parte da safra já tinha sido negociada. Em terceiro lugar, os custos de produção subiram, embora não na mesma proporção que os preços.

agronegócio cresceu 5,7% em relação a 2018 os preços em dólares recebidos pelos exportadores nacionais caíram quase 8%. O resultado final foi uma queda de 4% do faturamento em relação a 2018. Em Reais, a queda na receita foi maior, de quase 9%, devido à valorização de quase 5% da moeda nacional (CEPEA, 2019).

Apesar da pandemia do coronavírus promover a retração do comércio internacional, para o caso dos produtos agropecuários, o cenário não foi tão prejudicial. O agronegócio brasileiro obteve recorde de vendas ao exterior, com aumentos de 10% no volume exportado e de 4% no faturamento em dólar frente a 2019, perfazendo um total de U\$ 101 bilhões

Em termos gerais, o agronegócio brasileiro, apresentou nos últimos 21 anos (2000-2020) um crescimento de 400%; enquanto os preços médios em dólar subiram 43%, apesar das quedas registradas desde 2011. A taxa de câmbio efetiva real caiu 44% nesse período e, como resultado dessa apreciação cambial combinada com a alta dos preços externos no período, a atratividade das exportações agro recuou 18% (CEPEA, 2020, p. 03).

3 DESEMPENHO GEOECONÔMICO DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE PÓS-2003

Apesar da redução da participação da agropecuária catarinense no PIB em 3% entre 2002 e 2011, constata-se a sua importância significativa na geração de renda na economia do estado. Entre 2003-2020, o VBP cresceu de R\$ 11,7 bilhões para R\$ 28,3 bilhões, o que revela um crescimento da ordem de 2,4 vezes (BRASIL, 2021a). Esse valor gerado representou 3,3% de todo o valor gerado pela agropecuária brasileira. Em 2020, o VBP das lavouras catarinenses participava com 1,8% do total gerado nas lavouras brasileiras (10,3 bilhões de reais). Na pecuária, o VBP passou, entre 2005 e 2020, de R\$ 10 bilhões para R\$ 17,9 bilhões, - 6,5% do total de valor da pecuária brasileira (BRASIL, 2021a).

Desagregando-se o VBP, nota-se que, enquanto o total do valor gerado pelas lavouras temporárias cresceu de R\$ 3,7 bilhões para R\$ 9,1 bilhões, o valor nas lavouras permanentes passou de R\$ 510 milhões para R\$ 1,3 bilhão (BRASIL, 2021a). Em termos de produto, o VBP da produção de soja em Santa Catarina cresceu de R\$ 403 milhões de reais, em 2003, para 4,2 bilhões, em 2020, representando cerca de 2% do VBP do total dessa cultura no Brasil. Destaca-se ainda o crescimento do valor verificado na produção de milho e fumo que cresceram, respectivamente, de R\$ 1,1 bilhão para R\$ 2,3 bilhões e de R\$ 812 milhões para R\$ 2,2 bilhões (BRASIL, 2021a).

Outras culturas, como, por exemplo, arroz, maçã, trigo, banana, também tiveram crescimento nos valores auferidos no período de 2003-2020. Na pecuária, enquanto o VBP, entre 2008-2020, da produção de bovinos cresceu 162,7%, passando de R\$ 685 milhões de reais para R\$ 1,8 bilhão, o valor da produção de suínos cresceu 350%, passando de R\$ 1,4 bilhão para R\$ 6,3 bilhões, e o do leite cresceu 200%, saindo de R\$ 1,6 bilhão para R\$ 4,8 bilhões. Somente o valor bruto da produção de frango passou, no mesmo período, de 5,9 bilhões para 10,4 bilhões, representando 14,1% do total gerado na produção de frango no Brasil (BRASIL, 2021a).

O desempenho favorável do VBP contrastou com o declínio da área plantada da lavoura permanente em 3,5%, passando de 78.392 hectares para 75.638 hectares, e da área das culturas temporárias em 17,64%, reduzindo-se de 1,7 milhão de ha para 1,4 milhão, entre 2003-2019 (IBGE, 2021a). Assim, conforme se observa na Tabela 2, entre 2003-2019, a área plantada com feijão caiu de 146 mil ha para 63 mil hectares, e a de milho reduziu-se de 856 mil hectares para 344 mil hectares.

Tabela 2– Santa Catarina – Quantidade produzida e área plantada (2003-2019)

Produto/ano	Quantidade produzida em toneladas		Área plantada em hectares	
	2003	2019	2003	2019
Alho	15.656	15.434	2.145	1.655
Arroz	1.034.558	1.062.159	143.670	143.072
Batata-inglesa	128.207	117.483	10.083	4.607
C. de açúcar	648.989	185.602	16.728	3.849
Cebola	409.553	457.221	25.905	17.237
Feijão	188.626	108.976	146.942	63.684
Fumo em folha	213.339	192.269	120.899	90.174
Mandioca	538.930	348.412	28.417	16.927
Milho	4.310.934	2.767.069	856.427	344.237
Soja	712.175	2.270.512	257.086	665.548
Tomate	129.096	161.948	2.507	2.468
Trigo	171.969	146.039	77.541	48.737
Maçã	475.095	585.790	16.348	15.198
Banana	618.403	723.435	29.714	29.364

Fonte: IBGE (2021a).

A redução da área plantada de milho em 59,8%, combinada com a queda da produção em 35,8% e com o aumento de consumo pela avicultura, suinocultura e bovinocultura de leite, ampliou o déficit estadual de milho. “Parte dessas áreas de milho e feijão, particularmente a de milho, passou a ser utilizada para o plantio de soja; outra parte passou a ser usada para o plantio de milho para silagem; enquanto o restante simplesmente deixou de ser utilizado para a produção de grãos” (MARCONDES, 2016, p. 19).

Em contrapartida, enquanto a área plantada de soja foi ampliada de 257 mil ha para 665 mil hectares, a área plantada de pinus, juntamente com a de eucaliptos, cresceu, respectivamente, de 148 mil hectares para 610 mil hectares, e de 20 mil para 324 mil hectares (IBGE, 2021c). No caso das matas plantadas, “nos anos de 1980, intensificou-se o plantio de pinus em áreas de pastagens naturais/naturalizadas e, recentemente, expandiu-se o plantio de eucalipto” (MARCONDES, 2016, p. 19)¹⁷.

A queda da área plantada manifestou-se ainda nas culturas de trigo, cebola, alho¹⁸ e arroz. A redução da área de pastagens e de lavouras temporárias não provocou arrefecimento da produção total. Excetuando-se a produção de fumo, milho, feijão e madeira para outras finalidades, os demais produtos das culturas temporárias e permanentes (maçã e banana) apresentaram evolução no total produzido.

A queda da produção de feijão, em 42% (Tabela 2), entre 2003-2019, pode ser explicada por três fatores. Enquanto o primeiro fator decorre das adversidades climáticas, que resulta em perda de qualidade e de produtividade dos grãos, o segundo refere-se à estabilidade do consumo desse tipo de alimento e o terceiro em virtude do aumento da produção dos demais estados produtores. O Paraná, por exemplo, aumentou a sua produção de 707 mil toneladas, em 2003, para 815 mil toneladas, em 2011. Esse aumento também foi verificado nos estados de Minas Gerais e de Goiás (EPAGRI/CEPA, 2004; 2017; IBGE, 2021a)

Na fumicultura, apesar dos movimentos ascendentes dos preços desde 2006, ocorrem momentos de expansão e decréscimo da produção, em virtude das adversidades climáticas (geada, granizo e excesso de chuvas), ocorridas em 2009/2010 e da mão de obra, cada vez mais cara e escassa (EPAGRI/CEPA, 2004; 2017; IBGE, 2021a). Entre 2003-2019, a quantidade produzida reduziu-se de 213 mil toneladas para 192,2 mil toneladas, perfazendo uma queda de 9,7%.

Segundo os dados da Tabela 2, ao longo do período analisado, a produção de arroz apresenta-se estável, com uma produção em torno de 1,0 milhão de toneladas, em decorrência de alguns fatores, como a retirada de áreas de arroz para a produção de sementes, o custo médio de produção (no sistema pré-germinado) maior que os preços obtidos pelos produtores, arrendamento de terras de cultivo de arroz para outras culturas, problemas climáticos desencadeados pelo fenômeno El Niño. Tais fatores contribuíram ao mesmo tempo para que a produtividade média se estabilizasse, desde 2002, em torno de 7.200 kg/ha (IBGE, 2021a).

Com cerca de oito mil famílias dedicadas à produção, Santa Catarina é o maior produtor nacional de cebola. Em 2019, a produção foi de 457,2 mil toneladas, o que representou um crescimento de 12% em relação ao ano de 2003. O pouco dinamismo relativamente ao ano de 2003 ocorreu por conta do excesso de chuvas durante todo o período de desenvolvimento e colheita da cultura (IBGE, 2021a).

O crescimento da produção de soja de 712 mil toneladas, em 2003, para 2,2 milhões de toneladas, em 2019, poderia estar diretamente associado à expansão da área plantada. Contudo, conforme Cunha e Cruz (2017, p. 753), para além da conjuntura econômica e da estrutura técnica produtiva, um fator que ajuda a elucidar esse crescimento é a relação preço/custo da soja no mercado e a renda possibilitada por essa cultura, que influencia diretamente na escolha entre a soja, e como, por exemplo, o milho, uma vez que a relação entre custos de produção e da capacidade de rendimento das culturas, em geral, quando o preço da soja é pelo menos 2,3 vezes o preço do milho, a produção de soja é mais favorável ao produtor, que opta pela oleaginosa.

Além disso, afora as boas condições climáticas, os preços favoráveis e as medidas político-institucionais¹⁹, o crescimento da produção das lavouras catarinenses explica-se igualmente pelo aumento da produtividade e a crescente inserção no mercado internacional. Entre 2003-2019, enquanto o rendimento médio do milho cresceu de 5.033 quilogramas por hectares para 8.041 Kg/ha, a produtividade do arroz estabilizou-se, e a da soja aumentou 26% contra 36,7% da do rendimento da cultura de feijão (IBGE, 2021a).

¹⁷ Cabe ressaltar que, enquanto a produção de madeira para outras finalidades reduziu-se 24,2%, a produção de madeira para papel e celulose cresceu apenas 1,3%, com declínio crescente iniciado em 2009. Em 2008, Santa Catarina possuía 11% da área de florestas plantadas com pinus e eucalipto no país, caracterizando-se como o quarto estado maior exportador de produtos florestais, em valor (37% dos móveis de madeira, 31% da madeira e suas obras e 11% do papel). A queda da produção catarinense está diretamente vinculada a três fatores: (1) a forte redução no ritmo da construção civil nos EUA em razão da crise hipotecária (GONÇALVES, 2008); (2) câmbio valorizado; e (3) queda dos preços das toras (EPAGRI/CEPA, 2009).

¹⁸ A produção de alho em Santa Catarina, entre 2003-2019, ficou praticamente estável mesmo com uma redução de área em 21,4% (IBGE, 2021a). Os preços baixos recebidos pelos produtores, as dificuldades de comercialização e das elevadas importações constituem-se os principais fatores para esse movimento estabilizado de sua produção. Entre 2003-2011, as importações de alho subiram de 91.565 toneladas para 162.236 toneladas, em 2011 (BRASIL, 2021b).

¹⁹ Dentre as políticas públicas do Governo Federal destacam-se: (a) Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN); (b) Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); (c) Programa de Aquisição de Alimentos (PAA); (d) Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF); entre outros. Para o conjunto da agropecuária, o governo brasileiro direcionou o BNDES e o Banco do Brasil como principais agentes do financiamento agropecuário (PADILHA; ESPÍNDOLA, 2015).

Na pecuária, apesar da redução das áreas de pastagens e diminuição do número de produtores de suínos e de aves²⁰, a produção aumentou. Entre 2013-2019, o número de matrizes de suínos alojadas no estado de Santa Catarina cresceu de 690,7 mil cabeças para 817,9 mil cabeças, o que representa 17% das matrizes alojadas no Brasil (IBGE, 2021b). Em termos de produção, o número de animais suínos abatidos, conforme Tabela 3, passou de 7,3 milhões de cabeças, em 2003, para 12,3 milhões, em 2019. Entre 2003-2019, a variação do crescimento da produção de carne suína foi de 73,8% contra 68,4% do número de abatidos.

Tabela 3 – Produção da pecuária catarinense – 2003-2019

Rebanho 2003		Rebanho 2003	
Suíno	5,4 milhões de cabeças	Suíno	7,5 milhões de cabeças
Bovino	3,1 milhões de cabeças	Bovino	4,4 milhões de cabeças
Frangos	145,6 milhões de cabeças	Frangos	130,6 milhões de cabeças
Produção 2003		Produção 2019	
Leite	1,3 bilhão de litros	Leite	3,04 bilhões de litros
Vacas ordenhadas	643,4 mil cabeças	Vacas ordenhadas	796,5 mil cabeças
Abate bovino	243,2 mil cabeças	Abate bovino	536,1 mil cabeças
Qt. de carne bovina	50,9 mil toneladas	Qt. de carne bovina	122,6 mil toneladas
Abate suíno	7,3 milhões de cabeças	Abate suíno	12,3 milhões de cabeças
Qt. de carne suína	643,6 mil toneladas	Qt. de carne suína	1.119,1 mil toneladas
Abate frango	662,4 milhões de cabeças	Abate frango	818,2 milhões de cabeças
Qt. de carne frango	1.332,9 mil toneladas	Qt. de carne frango	1.936,2 mil toneladas

Fonte: IBGE (2021b; 2021d)

Ainda na Tabela 3, observa-se que a quantidade produzida de carne suína, em Santa Catarina, aumentou, entre os anos analisados, 73,8% e a de carne de frango, 48,4%. Assim, também houve destaque no volume produzido de leite, uma vez que, no período, aumentou 133%; contudo, a ordenha de vacas evoluiu mais lentamente, na casa de 24%. Cabe ainda destacar o volume de produção da carne bovina, cujo aumento, entre 2003 e 2019, foi de 140%²¹.

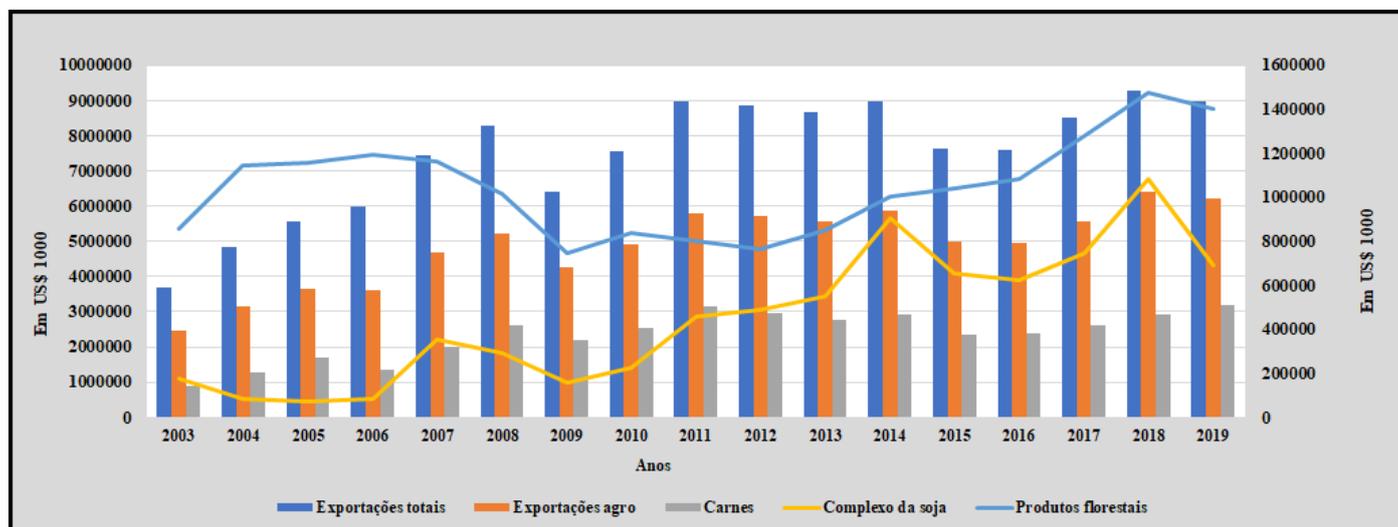
Além do crescimento da produção e dos índices de produtividade, os produtos agrícolas apresentaram dinamismo em suas exportações.

3.1-DESEMPENHO EXPORTADOR DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE PÓS-2003

Os agronegócios são responsáveis por 69,5% das exportações totais do estado de Santa Catarina e 6,4% das vendas externas totais dos bens da agropecuária brasileira. Conforme Gráfico 3, entre 2003-2019, as receitas auferidas no mercado externo apresentaram um crescimento de 2,52 vezes, passando de US\$ 2,4 bilhões, para US\$ 6,2 bilhões. Em contrapartida, as exportações totais catarinenses cresceram 2,4 vezes, passando de US\$ 3,7 bilhões para US\$ 8,9 bilhões.

Gráfico 3 – Exportações dos produtos agrícolas catarinenses (2003-2019)

20 Segundo Marcondes (2016), na suinocultura, o processo de concentração/exclusão ganhou força já nos anos de 1990 e se deu de maneira bem mais contundente do que na avicultura. Segundo Espíndola (2016), existem atualmente apenas 7.500 suinocultores, sendo apenas 15% deles independentes. Entre 2014 e 2019, o número de produtores caiu 12,13% e o estado possui, também, cerca de 60 mil produtores de suínos de subsistência (EPAGRI/CEPA, 2020).
21 Apesar desse dinamismo, cabe salientar que a pecuária de carne suína e aves vem perdendo participação relativa no conjunto da região Sul e no Brasil. Entre 2003-2019, enquanto o abate de suínos em Santa Catarina teve um aumento de 68,5%, o abate do Rio Grande do Sul cresceu 109,9%, contra 185,3% do Paraná e 1.896,2% de Goiás (IBGE, 2021d). No abate de aves, o crescimento de Santa Catarina, no mesmo período, foi de 23,5% contra 842% de Goiás e 233,6% do Paraná (IBGE, 2021d). Em 2003, enquanto o estado do Mato Grosso participava com 1,7% do abate nacional, o estado de Goiás representava 2,6%. Em 2019, Goiás subiu sua participação para 6,1%, enquanto o Mato Grosso ampliou sua participação para 4,9% (CUNHA; ESPÍNDOLA, 2021).



Fonte: Brasil (2021b)

Em termos de produtos, enquanto as exportações do complexo da carne cresceram 265%, passando, entre 2003-2019, de US\$ 877 milhões para US\$ 3,2 bilhões, as exportações de produtos do complexo da soja alcançaram uma porcentagem de 288%, contra um aumento percentual de 64,7% dos produtos florestais, no mesmo período. As exportações da agropecuária, total em 2019, concentram-se, principalmente, em produtos como carne de frango (35,4%), madeira (17,1%), suíno (13,9%), grãos de soja (10,4%), tabaco e derivados (5,3%), e papel (4,3%) (BRASIL, 2021b).

Com base no gráfico 3 se verifica quatro momentos de queda das exportações do agronegócio catarinense. A primeira ocorreu em 2009; uma redução de 17% em termos de valor comparativamente a 2008; a segunda 2012-2013; 2014-2016 e 2018-2019. Em 2009, os principais produtos da pauta exportadora do agronegócio catarinense tiveram redução de suas exportações. Enquanto as exportações de carne de frango reduziram-se de US\$ 2,0 bilhões, em 2008, para US\$ 1,7, as exportações de carne suína reduziram de US\$ 430 milhões para US\$ 330. Conforme a síntese anual da agricultura catarinense (ICEPA, 2010), processo semelhante ocorreu no agronegócio de soja, maçã, produtos florestais, entre outros. Essa redução das exportações foi fruto da crise financeira internacional, que diminui a demanda por produtos agroalimentares. Apesar do impacto da crise financeira mundial no desempenho exportador do agronegócio catarinense, o saldo da balança comercial manteve-se em torno de US\$ 3,1 bilhões, em 2009, contra um déficit da balança comercial catarinense de aproximadamente US\$ 860 milhões.

Entre 2012/2013, cabe destacar que as exportações catarinenses reduziram-se de US\$ 8,9 bilhões para US\$ 8,6 bilhões. Segundo Epagri/Cepa (2017, p. 15), “as receitas com exportações só não caíram de forma mais acentuada porque os volumes embarcados têm crescido de um modo geral e compensado parte das quedas dos preços médios obtidos”. Em 2014, as exportações catarinenses alcançaram o valor de US\$ 8,9 bilhões, o que significa um aumento de 3,44 % em relação ao ano anterior. Em termos de valor, o agronegócio catarinense movimentou US\$ 5,62 bilhões.

A queda 2014-2016, está diretamente associada a dinâmica da exportação do agronegócio brasileiro. As exportações catarinenses somaram em 2016, US\$ 8,5 bilhões, um avanço de 12,08% frente ao mesmo período de 2016. Considerando a participação dos produtos na pauta de exportações destaca-se a carne de aves ocupa a primeira posição (com crescimento de 12,6% em relação a 2016), seguido pela soja (com ampliação de 19,2%) e pela carne suína (com avanço de 14,1%) (FIESC, 2017).

As exportações catarinenses totalizaram US\$ 9,3 bilhões em 2018, tendo um crescimento de 9,0% em relação a 2017. Já as exportações do agronegócio catarinense somaram US\$ 6,3 bilhões, valor 16,1% superior ao de 2017. O resultado positivo é atribuído aos valores exportados de carne de frango, Soja e Carne de suíno. Contudo, em 2019 as exportações do agronegócio catarinense alcançaram um valor de US\$ 6,1 bilhões, o que representou uma queda de 3,3% em relação ao valor de 2018.

Em 2020 as exportações do agronegócio somaram US\$ 5,7 bilhões, valor 6,7% menor em relação a 2019, redução menor que a observada no conjunto das exportações do estado. Contribuíram para a redução as quedas das exportações de “carnes de frango (-32,2%), de tabaco (-22,6%), de couros (-18,4%) e de papéis (-6,7%). A expressiva expansão no valor exportado de carne suína (+35,3%), de madeira e suas obras (+15,4%) e de produtos apícolas (+19,7%) não foi suficiente para evitar a queda das exportações no ano” (EPAGRI, 2021, p. 59).

Em termo gerais, os produtos dos agronegócios constituem-se como carro chefes da pauta exportadora catarinense e são responsáveis por 70% de participação do total exportado e 80% do volume exportado pelo estado. Entretanto, “a dinâmica das exportações do agro de Santa Catarina está mudando ao longo do tempo. A evolução da pauta de exportações na última década revela um expressivo aumento da importância da madeira e de suas obras, da carne de suínos e da soja, em contraposição às perdas de participação das carnes de frango e do tabaco” (EPAGRI, 2021, p. 61)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se demonstrar, neste texto, que os agronegócios brasileiros apresentaram, com base no conjunto dos indicadores econômicos selecionados, resultados positivos com tendência a constante crescimento, mesmo no período 2012-2019, quando a economia brasileira entra em um ciclo de retração. Durante o período 2003-2019, houve aumento da área produzida, da produção e da produtividade dos agronegócios de proteína animal (bovinos, suínos e aves) e vegetal (soja). Entretanto, a queda da economia mundial em 2008, a diminuição do ritmo da economia brasileira em determinados anos, os problemas de ordem climática e as mudanças cambiais afetaram o desempenho dos indicadores dos agronegócios e seus respectivos segmentos.

Argumentou-se que essas cadeias produtivas desempenham papel fundamental na estrutura produtiva nacional e internacional do sistema alimentar. O agronegócio brasileiro, apresentou nos últimos 21 anos (2000-2020) um crescimento de 400%; enquanto os preços médios em dólar subiram 43%, apesar das quedas registradas desde 2011.

Demonstrou-se que apesar da redução da participação da agropecuária catarinense no PIB, o VBP cresceu de R\$ 11,7 bilhões para R\$ 28,3 bilhões, o que revela um crescimento da ordem de 2,4 vezes entre 2003-2019. Em 2020, o VBP das lavouras catarinenses participava com 1,8% do total gerado nas lavouras brasileiras (10,3 bilhões de reais). Na pecuária, o VBP passou, entre 2005 e 2020, de R\$ 10 bilhões para R\$ 17,9 bilhões, - 6,5% do total de valor da pecuária brasileira

Afirmou-se que o valor gerado pelas lavouras temporárias cresceu de R\$ 3,7 bilhões para R\$ 9,1 bilhões e o valor nas lavouras permanentes passou de R\$ 510 milhões para R\$ 1,3 bilhão. Em termos de produto, o VBP da produção de soja em Santa Catarina cresceu de R\$ 403 milhões de reais, em 2003, para 4,2 bilhões, em 2020, representando cerca de 2% do VBP do total dessa cultura no Brasil.

Contudo, o desempenho favorável do VBP contrastou com o declínio da área plantada da lavoura permanente e da área das culturas temporárias. Essa que se fez de forma diferenciada entre os produtos com que da área plantada de feijão e ampliação da área plantada de soja. A queda da área plantada manifestou-se ainda nas culturas de trigo, cebola, alho e arroz. A redução da área de pastagens e de lavouras temporárias não provocou arrefecimento da produção total. Excetuando-se a produção de fumo, milho, feijão e madeira para outras finalidades, os demais produtos das culturas temporárias e permanentes (maçã e banana) apresentaram evolução no total produzido.

Destacou-se ainda que afora as boas condições climáticas, os preços favoráveis e as medidas político-institucionais, o crescimento da produção das lavouras catarinenses explica-se igualmente pelo aumento da produtividade e a crescente inserção no mercado internacional. Contudo, explicitou-se as transformações em termos de redução das pastagens, aumento da concentração da produção e mudança na pauta exportadora do agronegócio catarinense.

REFERÊNCIAS

BARROS, Geraldo Sant'Ana de Camargo; CASTRO, Nicole Rennó. **Breve retrospecto macroeconômico do agronegócio em 2020**. Cepea, 2021. Disponível em: <<https://cepea.esalq.usp.br/br/releases/cepea-breve-retrospecto-macroeconomico-do-agronegocio-em-2020.aspx>>. Acesso em: 8 mar. 2022.

_____. Produto Interno Bruto do agronegócio e a crise brasileira. **Revista de Economia e Agronegócio**. Viçosa, v. 15, n. 2, p. 156-162, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/rea/article/view/2526553915022017156/pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

BCB. Banco Central do Brasil. Estatísticas. 2020. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/estatisticas/historicoestatisticas>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BERNARDES, Flávio. Em 2017, prejuízo com carne fraca foi de US\$ 2,74 bilhões; o que esperar agora? **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/mercado/em-2017-prejuizo-com-carne-fraca-foi-de-us-274-bilhoes-o-que-esperar-agora-4vz0kebkx0nef5cdo51r2wl1t/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Estratégia de desenvolvimento e as três frentes de expansão no Brasil: um desenho conceitual. **Texto para Discussão**, n. 1828, p. 1-27. Brasília; Rio de Janeiro: Ipea, 2013.

BRANDÃO, Antonio Salazar Pessoa; REZENDE, Gervásio Castro de; MARQUES, Roberta Wanderley da Costa. Crescimento agrícola 1999/2004: explosão da área plantada com soja e meio ambiente no Brasil. **Texto para Discussão**, n. 1062, p. 249-266. Brasília: Ipea, 2005.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Estatísticas do valor bruto da produção agropecuária**. 2021a. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

_____. **Estatísticas de comércio exterior do agronegócio brasileiro**. 2021b. Disponível em: <<http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>>. Acesso em: 27 fev. 2022.

_____. **Valor Bruto da Produção Agropecuária**, 2018. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-vbp>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A taxa de câmbio no centro da teoria do desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 26, v. 35, p. 7-28, 2012.

CANO, Wilson; SILVA, Ana Lúcia Gonçalves da. Política industrial do governo Lula. In: MAGALHÃES, João Paulo de Almeida. **Os anos Lula: contribuições para um balanço crítico 2003-2010**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 181-208.

CEAG. Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina. **Análise do Sistema de Integração Agroindustrial em Suínos e Aves em Santa Catarina**. CEAG-SC, Florianópolis, 1978, mimeo, 311 p.

CEPEA. **Impulsionado por ramo agrícola, PIB cresce 4,48% em 2016**. 2016. Disponível em: <cepea.esalq.usp.br/br/releases/pib-agro-cepea-impulsionado-por-ramo-agricola-pib-cresce-4-48-em-2016.aspx>. Acesso em: 21 mar. 2022.

_____. **PIB do agronegócio brasileiro**. 2017. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso em: 15 mar. 2022.

_____. **Desempenho das exportações do agronegócio**. 2019. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br/br/indices-de-exportacao-do-agronegocio.aspx>. Acesso em: 15 mar. 2022.

_____. **PIB do agronegócio brasileiro**. 2020. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso em: 15 mar. 2022.

_____. **PIB do agronegócio brasileiro**. 2021. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CNA. **PIB do agronegócio alcança participação de 26,6% no PIB brasileiro em 2020**. 2021. Disponível em: <www.cnabrazil.org.br/boletins/pib-do-agronegocio-alcanca-participacao-de-26-6-no-pib-brasileiro-em-2020>. Acesso em: 10 mar. 2022.

_____. PIB do agronegócio cresce 4,48% em 2016. **Boletim PIB**, mar. 2017. Disponível em: <www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/boletins/25-boletimpib_0.88551100%201514916993.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CONAB. **Séries históricas de produção de grãos**. Brasília, 2021. Disponível em: <www.conab.gov.br>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CUNHA, Roberto César Costa; CRUZ, Wander Luiz de Melo. Aspectos geoeconômicos da cadeia produtiva da Soja no Estado de Santa Catarina: Produção e Circulação. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 745-769, 2017.

CUNHA, Roberto César Costa. **A geoeconomia da cadeia produtiva da soja no Brasil**. 2020. 313 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CUNHA, Roberto César Costa; ESPÍNDOLA; Carlos José. Dimensão dinâmica do processo produtivo e territorial da agropecuária no Rio Grande do Sul pós-2003. **Revista da Anpege**, São Paulo, v. 16, n. 30, p. 75-99, 2020.

_____. Eficiência produtiva da agropecuária do estado de Santa Catarina e seu novo espriamento territorial pós-2003. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, e38, 2021.

EPAGRI/CEPA. Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina. **Síntese Anual da Agricultura Catarinense**. Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=3210>. Acesso: 9 mar. 2022.

_____. **Síntese anual da agricultura de Santa Catarina**. 2006. Disponível em: <<https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/publicacoes/sintese-anual-da-agricultura>>. Acesso em: 7 mar. 2022.

_____. **Síntese Anual da Agricultura Catarinense**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=3210>. Acesso: 10 mar. 2022.

_____. **Síntese Anual da Agricultura Catarinense**. Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=3210>. Acesso: 7 mar. 2022.

_____. **Síntese Anual da Agricultura Catarinense**. Florianópolis 2020. Disponível em: <http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=3210>. Acesso: 5 mar. 2022.

_____. **Boletim técnico nº 198 indicadores de desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2019-2020**, Florianópolis, 2021.

ESPÍNDOLA, Carlos. José. Ciclo de crescimento da economia brasileira e desempenho do agronegócio catarinense. **Geografia**

- (Londrina), Londrina, v. 25, p. 91-109, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/24919/20546>>. Acesso em: 27. fev. 2022.
- ESPÍNDOLA, Carlos. José; CUNHA, Roberto César Costa. A dinâmica geoeconômica recente da cadeia produtiva de soja no Brasil e no Mundo. **Geotextos**, v. 11, n. 1, p. 217-238, Salvador, UFBA, 2015.
- _____. Os agronegócios no desenvolvimento econômico brasileiro. In. ALMADA, J., PAULA, L. F. de; JABBOUR, E. M. K. (Orgs). **Repensar o Brasil**. Rio de Janeiro: AMFG, 2020, p. 371-402.
- _____. Os agronegócios brasileiros de Carnes-grãos: uma leitura da dinâmica recente. In. Mamigonian, Armen *et al.* (Orgs). **Brasil e o mundo no início do século XXI: geografia, História e Economia**. Florianópolis: IIR/CNC/CFH/ UFSC, 2021, p. 239-272.
- FARIA, Luiz Augusto Estrella. Sobre o conceito de valor agregado: uma interpretação. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.3, n.2, p. 109-118,1983.
- FIESC. Federação da Indústria do Estado de Santa Catarina. **Balança Comercial**. 2017. Disponível em: <<https://observatorio.fiesc.com.br/publicacoes/economia/comex202101>>. Acesso em:15 mar.2022.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GONÇALVES, José Sidnei. Agricultura sob a égide do capital financeiro: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agronegócios. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, p. 7-36, abr. 2005.
- GONÇALVES, Reinaldo. **Crise econômica: radiografia e soluções para o Brasil**. 2008. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/6270848-Crise-economica-radiografia-e-solucoes-para-o-brasil.html>>. Acesso em: 16 mar. 2022.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro, 2021a. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- _____. **Pesquisa Pecuária Municipal**. Rio de Janeiro, 2021b. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- _____. **Produção da extração vegetal e a silvicultura**. Rio de Janeiro, 2021c. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- _____. **Pesquisa Trimestral de abate**. Rio de Janeiro, 2021d. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- _____. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Rio de Janeiro, 2021e. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- ICEPA. Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina. **Síntese Anual da Agricultura Catarinense 2009**. Disponível em:< <https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/solucoes/publicacoes/>> Acesso: 10 mar. 2022.
- _____. Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina. **Síntese Anual da Agricultura Catarinense 2010**. Disponível em: <<https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/solucoes/publicacoes/>>. Acesso: 10 mar. 2022.
- JABBOUR, Elias Khalil; DANTAS, Alexis. Brasil: considerações sobre a dinâmica política recente. **Geosul**, Florianópolis, v. 31, Especial, p. 105-125, 2016.
- JANK, Marcos Sawaya. Agronegócio versus agricultura familiar?. **O Estado de S. Paulo**, 5 jul. 2005, p. A-2, 2005.
- KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. 3. ed. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- LACERDA, Antônio Corrêa de. Dinâmica e evolução da crise: discutindo alternativas. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 31, v. 89, p. 37-49, 2017.
- LÊNIN, Vladimir. **Desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1982.
- MAMIGONIAN, Armen. As conquistas marítimas portuguesas e a incorporação do litoral de Santa Catarina. In: ANDRADE, M. C.; FERNANDES, E. M.; CAVALCANTI, S. M. (Orgs.). **O mundo que o português criou: Brasil: século XVI**. Recife: CNPq/FJN, 1999. P. 57-78.
- MARANHÃO, Rebecca Lima Albuquerque; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. Inserção internacional do agronegócio brasileiro. **Texto para Discussão**, n. 2318. Rio de Janeiro: Ipea, 2017.

MARCONDES, Tabajara. Agropecuária em Santa Catarina: Cenário atual e principais tendências. **Revista NECAT**, ano 5, n. 9, p. 8-38, 2016.

MATOS, Marcos Antonio; NINAUT, Evandro Scheid; SALVI, José Vitor. Crise financeira internacional e as suas influências no agronegócio brasileiro. **Revista de Política Agrícola**, n. 4, p. 37-48, 2009.

OREIRO, José Luiz; PAULA, Luiz Fernando de. **A economia brasileira no governo Temer e Bolsonaro: uma avaliação preliminar**. Rio de Janeiro, 2019. Mimeografado.

_____. **Macroeconomia da estagnação brasileira**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

PADILHA, Willian.; ESPÍNDOLA, Carlos José. Prodecoop e Procap-agro e o crescimento das cooperativas agroindustriais da região sul. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. **Anais...** . Presidente Prudente: Edufgd, 2015. v. 1, p. 6187-6198.

PAULA, Luiz Fernando de; PIRES, Manoel. Crise e perspectivas para a economia brasileira. **Estudos Avançados**, n. 31, v. 89, p. 125-144, 2017.

PELUSO JR, Victor. **Aspectos Geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC/EDUFSC, 1991.

PRATES, Daniela Magalhães; FRITZ, Barbara; PAULA, Luiz Fernando. **O desenvolvimentismo pode ser culpado pela crise?** uma classificação das políticas econômica e social dos governos do PT ao governo Temer. 2018. Disponível em: <<http://www.luizfernandodepaula.com.br/ups/o-desenvolvimentismo-pode-ser-culpado-pelacrise.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SCHNEIDER, Sergio *et al.* Os efeitos da pandemia da covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 167-188, 2020.

SILVA, Marcos Aurélio da. Brasil, a antessala do golpe: reformismo fraco, crise orgânica e geopolítica mundial. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 45-67, 2018.